

POESIA ORAL NEGRA E INDÍGENA COMO PRÁTICA CONTEMPORÂNEA DECOLONIAL DE CONTINUIDADE DE SABERES

Luci Teixeira Iachinski de França (IFPR)

Maria Alzira Leite (UTP)

INTRODUÇÃO: Este resumo apresenta a cultura da oralidade negra e indígena como dimensão estruturante da formação social e cultural brasileira, compreendendo-a não como resquício do passado, mas como prática viva, dinâmica e politicamente situada. Parte-se da compreensão de que tais culturas orais foram historicamente subalternizadas por um projeto colonial de conhecimento centrado na escrita e na normatividade eurocêntrica, como apontam Candido (2006) e Mignolo (2008), que deslegitimou outras formas de produção de saber.

Diante disso, Krenak (2019) afirma que a tradição oral indígena permite compreender a oralidade como modo de existência, e não apenas como recurso comunicativo. Para os povos originários, o conhecimento se constitui na relação entre corpo, memória, território e coletividade, sendo a palavra falada, cantada ou performada meio de transmissão de saberes. Essa perspectiva tensiona a centralidade da escrita e evidencia que sua adoção envolve processos históricos de adaptação e imposição cultural. Assim, a tradição oral indígena se afirma como prática estética, política e epistemológica de resistência.

Para Suzano (2021), as tradições orais africanas constituem base fundamental da poesia oral contemporânea (neste estudo, hip hop, rap e slam), especialmente na articulação entre oralidade, performance e resistência cultural. Embora contemporâneas, mantêm continuidade com práticas ancestrais, evidenciando a permanência de formas coletivas e performáticas de produção poética. Configuram-se, assim, como espaços de circulação de saberes afro-diaspóricos e afirmação da subjetividade negra.

Nesse contexto, argumenta-se que manifestações como o slam, o hip hop e o rap configuram-se como desdobramentos dessas tradições orais indígenas e afrodescendentes brasileiras, historicamente desvalorizadas, hoje ressignificadas como práticas de narração, denúncia, memória e resistência. Trata-se de um processo em que passam a ser nomeadas, registradas e legitimadas em novos suportes (vídeo, áudio e produção acadêmica), alterando suas condições de circulação. Essas expressões tensionam o cânone literário e reconfiguram os modos de circulação da palavra, recolocando corpo, performance e coletividade no centro da experiência estética e política, como apontam Zumthor (1993) e Taylor (2013).

Sobre o tema, Quijano (2005), Walsh (2009) e Benites (2018) criticam a centralidade do eurocentrismo na produção de conhecimento. Quijano evidencia a colonialidade do poder como estruturante das desigualdades; Walsh propõe atuar nas “brechas” do sistema; e Benites enfatiza a pluralidade de saberes. A partir dessas contribuições, a decolonialidade é compreendida, nesta pesquisa, por meio da poesia periférica, como prática social crítica que busca romper hierarquias epistêmicas e valorizar saberes marginalizados.

METODOLOGIA: A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, baseada na seleção e análise destes autores citados ao longo do texto que discutem a

oralidade negra e indígena e suas expressões contemporâneas no *slam*, hip hop e rap. O referencial teórico dialoga com perspectivas decoloniais, valorizando a oralidade como forma legítima de produção de conhecimento. A análise ocorre por meio de leitura crítica das obras, buscando compreender essas manifestações como continuidades de práticas orais historicamente marginalizadas. Conclui-se que reconhecer o slam, o hip hop e o rap como expressões legítimas da oralidade negra e indígena implica não somente ampliar o conceito de literatura, mas também tensionar estruturas coloniais ainda presentes na escola e na produção do conhecimento, reafirmando esses grupos como povos fundantes e agentes contemporâneos da cultura brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Os resultados parciais da pesquisa, a partir das etapas de levantamento bibliográfico, seleção teórica e análise crítica, indicam a consolidação de uma compreensão do slam, do hip hop e do rap como práticas contemporâneas de continuidade das tradições orais negras e indígenas. A revisão evidenciou a oralidade como dimensão epistemológica e estética, enquanto a análise mostrou que essas manifestações reconfiguram seus modos de circulação ao incorporar novas mídias e espaços de performance. A discussão aponta que tais expressões tensionam o cânone literário e as hierarquias epistêmicas, ao recolocar o corpo, a coletividade e a performance no centro da produção de conhecimento, sinalizando um deslocamento conceitual relevante nos estudos literários e educacionais.

Palavras-chave: oralidade; performance; cultura afro-brasileira; culturas indígenas; decolonialismo.

REFERÊNCIAS:

- BENITES, Sandra. **Viver na língua guarani nhandewa (mulher falando)**. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- Candido, A. (2006). **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- Krenak, A. (2019). **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras.
- MIGNOLO, W. (2008). **Desobediência epistêmica**. Buenos Aires: Del Signo.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SUZANO, Monyque Assis. **Slam: oralituras antirracistas e contranarrativas**. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/e73cb698-658c-462c-ae21-d236b3e89cb9/content>. Acesso em: 17 mar. 2026.
- TAYLOR, D. (2013). **O arquivo e o repertório**. Belo Horizonte: UFMG.
- ZUMTHOR, P. (1993). **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras.